

Aula 3

TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS

META

O aluno deve conhecer as principais teorias geopolíticas desenvolvidas no período de formação científica da Geografia, com ênfase naquelas abordadas na fase contemporânea de Friedrich Ratzel, bem como comparar seus fundamentos e aplicação das mesmas, focando que seus principais autores não são alemães.

OBJETIVOS

Abordar os fundamentos das teorias de Vallaux, Mahan, Mackinder e Kjellen levando em consideração os momentos históricos em que viveram.
Comparar as teorias geopolíticas e a inserção dentro de seus respectivos Estados e a concepção interdisciplinar de seus conteúdos aplicativos.

PRÉ-REQUISITOS

Entender os fundamentos da Geografia Política de Ratzel abordadas na aula anterior, em função da abordagem ser analisada como seqüenciada da aula 2.

José Eloízio da Costa

INTRODUÇÃO

As teorias geopolíticas tiveram um papel fundamental em entender sua característica aplicativa. Elas surgiram dentro de um quadro politicamente instável onde as potências passavam por uma forte fase armamentista, com revoluções ideológicas, territoriais e que eclodiriam com a Primeira Guerra Mundial.

Nesse diapasão, vamos desenvolver nessa aula as abordagens de Camille Vallaux, A.T.Mahan, Halford Mackinder e de Rudolf Kjellen; integrando como sistemas teóricos, claro, de caráter aplicativo. Existem diferenças e acreditamos que um aluno do curso de graduação em Geografia deve dominar, ainda que essas abordagens tenham um caráter também interdisciplinar, onde a questão do Poder e da Força Militar estejam imbuídas.

Na proposta dessa aula, vamos fazer o mais didático possível, separando cada um dos autores, para tornar mais claro. Porém, o mais interessante é que são temas não geográficos, que correm em seus fundamentos a questão do território, das fronteiras e da importância da força militar, além de expressões como estratégias, domínio e táticas militares.

UMA BREVE QUESTÃO

Uma pergunta importante para um simples aluno do curso de graduação em Geografia era se realmente é importante estudar temas como teorias geopolíticas e que na verdade em nada tem a ver com a ciência geográfica.

Yves Lacoste (1988) afirma que existem duas categorias sociais que analisam a Geografia: a Geografia dos Professores, ou seja, nós estudantes e professores dos cursos de Geografia e a Geografia dos Militares. O geógrafo francês que existe um abismo entre eles, principalmente na questão aplicativa. E temas como a geopolítica e o estudo da cartografia aplicada não poderia se temas a ser desenvolvidos nas Universidades.

No nosso entendimento isso seria um grande equívoco. O caráter aplicativo da Geografia é de grande importância, mesmo para um aluno de licenciatura. Ainda mais que devemos romper o dogma, que, quem faz Geografia é somente para a formação de professores. Isso deve ser superado o quanto isso em função do saturamento do mercado de trabalho para professores. A Geografia tem a interface de uma figura tão discutida do “papel do geógrafo”, mas com sofríveis resultados.

O que torna interessante abordarmos um tema explorado por outras áreas do conhecimento, como a ciência militar, a ciência política e principalmente as relações internacionais. E as teorias geopolíticas devem ser inseridas como abordagem. A contribuição de Wanderley Messias da Costa em seu excelente compêndio favorece a nós geógrafos em buscar entender do maior alcance da Geografia Política e particularmente da Geopolítica. E mais importante: analisando essas questões dentro de uma perspectiva crítica e teoricamente independentemente.

TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS

Como colocamos em nossos objetivos, vamos dividir a aula a partir dos autores que abordaram seus fundamentos na perspectiva da Geopolítica.

Vamos a elas.

OS FUNDAMENTOS DE CAMILLE VALLAUX: A CONTRAPOSIÇÃO À RATZEL

Como era de esperar a contribuição do francês vai no sentido de contradizer a postura naturalista de Ratzel. Por uma razão básica: a geografia francesa é influenciada pelo caráter possibilista de La Blache, na formação da geografia humana (COSTA, 2010: 43), sendo a mais completa análise depois dos estudos de Ratzel. Em seu livro intitulado Geografia Social – O Solo e o Estado – Vallaux aprimora sua abordagem focando que a Geografia é uma ciência social. Daí a possibilidade do homem adaptar-se ao meio e inserir praticas que necessariamente “não sejam naturais”.

Entretanto, devemos colocar uma importante questão: inserimos a concepção como teoria geopolítica. Mas isso para efeitos didáticos. Sua abordagem assemelha-se ao estudo de Ratzel analisando as categorias centrais da Geografia Política e não da Geopolítica.

Queremos que essa assertiva fique bem clara.

Voltemos agora à abordagem de Vallaux.

Para o geógrafo francês, a simetria entre o funcionamento do Estado enquanto entidade organicista e que operaria dentro das leis naturais, deu mais prejuízo à Geografia que ganhos teóricos e isso não seria apenas protagonizada por Ratzel, mas pelas ciências sociais em seu todo, como bem coloca COSTA:

“A conexão excessivamente estreita entre teorias naturalistas e sociológicas mais prejudicou que auxiliou o avanço das ciências sociais, concordando daí com Durkheim, para quem era fundamental a separação entre fenômenos sociais e naturais”. (2010: 44).

No que se refere a questão do solo, essa categoria tem um elemento fundamental quando se relaciona com o Estado. Não dentro da concepção racionalista do Estado como sujeito encarnado por leis pré-determinadas ou pela visão romântica, mesmo de caráter sociológico, mas da necessidade de inserir elementos materiais como o espaço geográfico (COSTA: 2010, 44).

Para Vallaux, ainda na esteira de COSTA, tanto a sociedade política, como o Estado, constituir para a Geografia uma particularidade. O que torna contraditória tal assertiva, simplesmente por envolver questões de ordem metodológica, até porque na ciência não existem particularidades. E esse seria um dos equívocos de Vallaux, na medida em que na ciência a

questão do método é de fundamental importância e tem que primar pela universalidade da abordagem.

Outra questão e isso seria relevante para os estudos da Geografia Política, é que os aspectos econômicos não podem ser mais importantes que os aspectos políticos. Ou seja, o político não pode estar subordinado de forma determinante ao econômico na medida em que “o valor político dos solos não decorre necessariamente de seu valor econômico imediato; os territórios possuem também um valor intrinsecamente político. (Ob. Cit. Página 47).

Finalmente, o nosso geógrafo Frances faz uma classificação estranha no que se refere aos tipos de Estados: os Estados Simples e Estados Complexos. Os primeiros são caracterizados por Estados de fraca coesão interna, e mesmo que existam rupturas de natureza sectária, choques de natureza religiosa ou política; ainda assim, em nada afetaria o curso da história, como era o caso dos frágeis Estados africanos.

Já os Estados Complexos, apresentavam forte coesão interna, onde o exercício do poder político tem repercussão territorial, havendo assim maior interdependência entre as partes e com diferenciações entre os lugares em termos físicos e em termos econômicos (ob. Cit. 48).

Outras questões podem ser garimpadas na principal obra que referimos para sobre a abordagem de Vallaix e que estão nas referências bibliográficas logo abaixo.

A TEORIA DE ALFRED MAHAN: A IMPORTÂNCIA DO PODER MARÍTIMO

Almirante da Marinha Americana em finais do século XIX, Alfred Mahan foi um dos primeiros americanos que analisaram a importância do domínio dos mares como afirmação do poder de uma nação. Em sua obra intitulada “A influência do Poder Marítimo na História”, o autor aborda os diversos momentos da história da humanidade onde, “quem dominava o mar dominava todas as coisas” e o mar seria uma grande planície onde as operações militares seriam mais fáceis de realizar que o domínio terrestre, além de sua contribuição no crescimento da economia nacional.

É claro, em função da força territorial norte-americana, onde compreenderia dois extensos litorais e dotados de grande força em sua marinha, militar e mercante; Mahan afirmava que a efetivo exercício do poder marítimo trazia prosperidade, crescimento e principalmente segurança nacional (BONFIN, 2005).

É evidente que o aluno deve perceber que a teoria era uma justificativa da ascensão política e econômica dos Estados Unidos como potência emergente e de grande influência em nível mundial. Mas seus fundamentos são interessantes, em especial no que se refere a sua abordagem dentro da história, desde o império romano, passando por Portugal durante o período colonial e da supremacia marítima da Inglaterra em seu longo domínio imperialista.

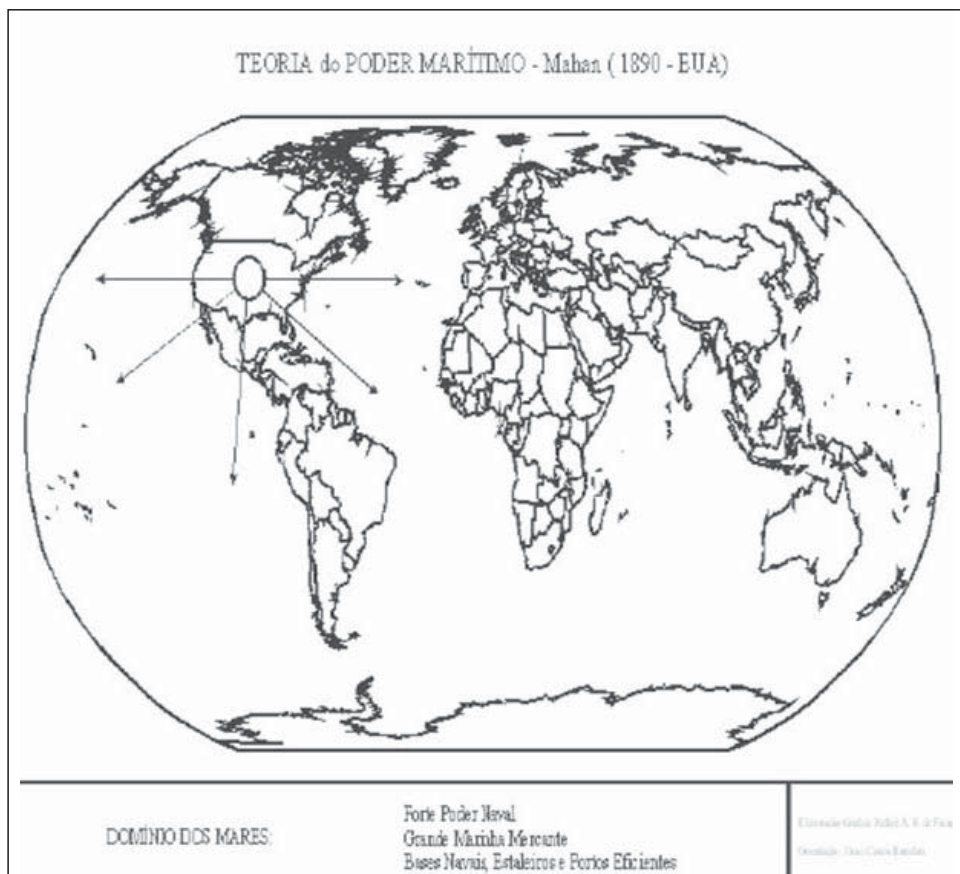
Podemos dizer que a teoria baseia-se em uma concepção fortemente

imperialista, na qual não integraria apenas as atividades militares, mas também as atividades mercantis (COSTA:2010, 69). Na ótica de BONFIM (2005) apud Mahan, assim afirma:

“O poder marítimo não é sinônimo de poder naval, pois não compreende apenas o potencial militar que, navegando, domina o oceano ou parte dele pela força das armas, mas também o comércio e a navegação pacífica que, de um modo vigoroso e natural, deram nascimento à esquadra e, graças a ela, repousam em segurança.” (p. 53).

Ainda para o autor, seriam quatro os fatores favoráveis ao exercício do poder marítimo: a posição geográfica com extensos litorais; grande extensão territorial da nação, aspectos relacionados ao caráter da nação (fator psicossocial) e a política do governo voltado para o mar. Os dois últimos fatores seriam de extrema importância, isso decorrente da importância do envolvimento da população na defesa do território e estarem voltado para o mar, com extensas áreas marítimas que possam assegurar a soberania de uma grande nação.

A teoria naturalmente teve repercussões entre os diversos setores militares norte-americanos e sistematizou uma abordagem puramente geopolítica de dar o caráter imperialista. O mapa abaixo demonstra a capacidade geopolítica dos Estados Unidos em dominar grandes extensões territoriais marítimas, podendo operar em várias direções.



Para completar a importância dessa teoria no leque das abordagens geopolíticas, BONFIM (2005) ainda afirma que Mahan:

“Construiu um cenário desejável para os EUA, com a formação de um respeitável poder marítimo, presente em todos os mares do mundo, com pontos de apoio em todos os continentes, para o comércio e bases para sua armada, cenário este que seguramente proporcionaria ‘explorar as riquezas do mundo’” (p. 58).

A FORÇA DO PODER TERRESTRE: A TEORIA DE HALFORD MACKINDER

A teoria do professor e geógrafo inglês Mackinder não seria um contraponto da teoria de Mahan, até porque as duas teorias aplicam métodos de análise totalmente distintos. E sua referência estaria na simples constatação que o eixo terrestre Ásia, Europa e África que representavam 75% das terras emersas e quase 90% da população mundial, onde poderia ser estabelecida uma “área core”, ou coração continental, “ilha mundo”, “pivô da História constituindo como eixo central do hemisfério norte. Sua monografia foi apresentada a Real Sociedade Geográfica de Londres em 1904, intitulada “O Eixo Geográfico da História”, e para alguns autores, serviu de inspiração para Hitler conquistar a Europa Central e Oriental, o que daria com a invasão da Rússia.

Isso seria facilitado pela possibilidade de expandir o poder terrestre na direção dos países posicionados nas extremidades costeiras, formando o que o autor denominou de “crescente interno marginal”, formado no ocidente pela Inglaterra e no oriente pelo Japão (BONFIM, 2005).

A afirmação do poder terrestre pode ser observado pelo mapa em seguida, o que demonstra a importância estratégica do império russo enquanto “zona pivô”. Ainda o autor afirma que os povos antigos não usaram os oceanos para realizar seus projetos de dominação, mas sim porções deles, usaram apenas para navegações costeiras, com pouco pretensão de aventuras marítimas.

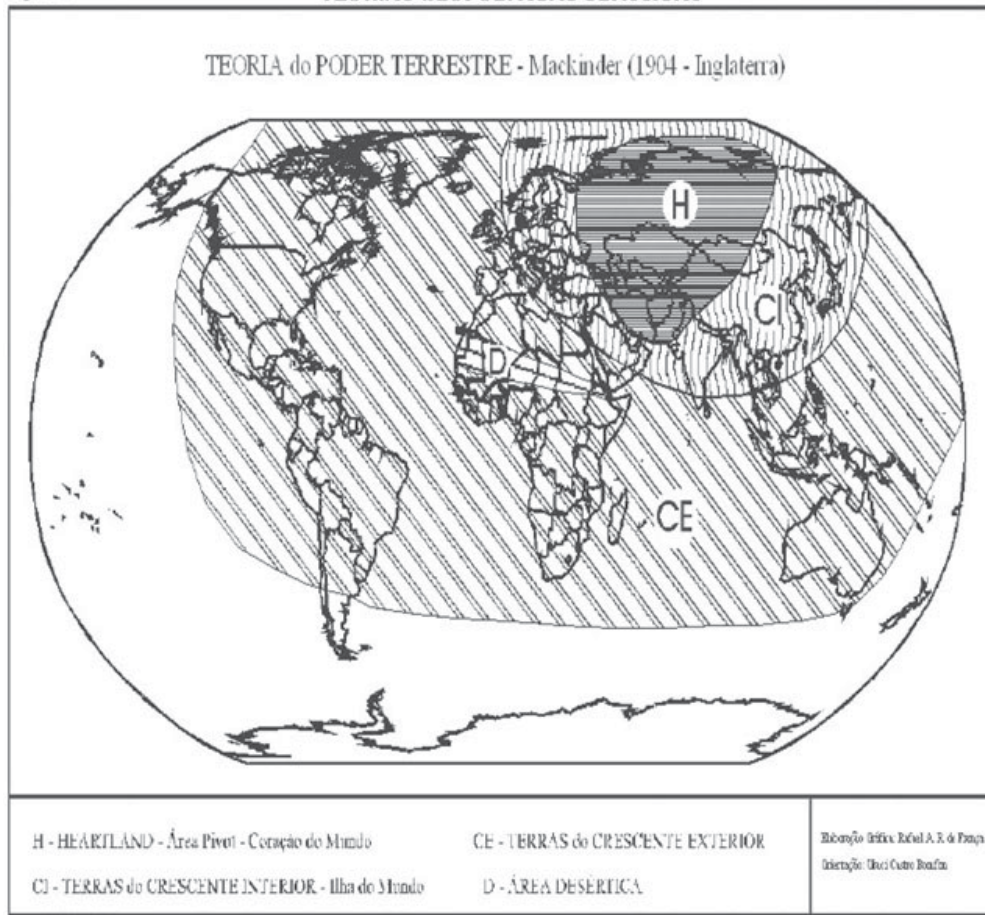
Para COSTA (2010) outra questão relevante da teoria de Mackinder relaciona-se com a pouca importância que os geógrafos tinham em relação as questões políticas em seus estudos, afastando a disciplina ao debate das questões nacionais e internacionais.

Lembrar o aluno que Mackinder, mesmo analisando um tema tipicamente militar, ele era geógrafo e tinha compromisso intelectual com a Geografia (foi professor das Universidades de Londres e Oxford). sendo que tal advertência pouco foi levado em consideração. COSTA situa bem a posição da teoria de Mackinder em relação a concepção de Ratzel:

“Se em Ratzel esse engajamento ocorreria pela compreensão das relações entre Estado, o território e o ‘projeto geopolítico alemão’, em Mackinder ele deveria operar-se pela introdução de uma visão estratégica global nos estudos geográficos e nas elites do país.”(2010: 77).

Figura 09

TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS



BONFIM (2005) afirma que sua teoria era pragmática, sugerindo como forma defensiva do poder terrestre sob o domínio dos países centrais, na qual a França era cabeça-de-ponte, a Inglaterra como aeródromo protegido e os Estados Unidos como reserva entrosada e com recursos agrícolas e industriais abundantes (2005: 61).

A TEORIA DE RUDOLF KJELLEN: A GEOPOLÍTICA COMO RAMO AUTÔNOMO

Mesmo sendo uma teoria também contemporânea em relação às teorias anteriores, a importância de seus fundamentos estaria no mesmo nível das abordagens de Ratzel.

Uma primeira questão relaciona-se com a própria expressão que estamos estudando na presente aula: esse geógrafo de origem sueca foi

o criador da expressão geopolítica, o que daria sentido a disciplina com grande força aplicativa.

Analisou a geopolítica como um ramo intermediário entre a ciência política e a geografia política, e suas concepções estariam centradas na relação entre Estado e território, sendo a Geopolítica como um ramo autônomo (COSTA, 2010).

Formado em Direito, suas análises seguem os mesmos fundamentos de Ratzel, com duas publicações conhecidas: *As Grandes Potências* (1905) e *o Estado como Forma de Vida* (1916). A primeira foi determinante em enquadrarmos como estudioso do imperialismo na perspectiva geopolítica e justificar a necessidade dos “grandes países” dominarem ou submeterem territórios através da conquista, e a segunda, graças a concepção organicista, o Estado assemelha-se a um organismo vivo formado por um ciclo pré-definido (nasce, cresce, envelhece e morre), sempre marcado por conflitos, beligerâncias, ganhos e perdas territoriais.

O mais interessante de sua obra foi à ruptura terminológica com Ratzel, deslocando a Geopolítica como ramo de estudos dos militares e dos líderes de Estados dotados de espíritos conquistadores. Com isso, a Geografia Política não teria importância nenhuma, pois suas abordagens seriam “estéreis” e distantes da realidade face à sua natureza puramente teórica. Podemos dizer que Kjellen sepulta a Geografia Política e a Geopolítica sobressai como um novo ramo de estudos. Não de geógrafos, mas de militares e conquistadores.

CONCLUSÃO

Na presente aula abordamos quatro das várias teorias geopolíticas construídas no que a literatura especializada denominou de “teorias geopolíticas clássicas”.

É evidente que poderíamos esquecer essa temática e trabalhar com assuntos mais interessantes e de certa forma contemporâneos, dos nossos dias. Sendo, portanto, temas didaticamente “inúteis”.

Não concordamos com tal assertiva, na medida em que, para um aluno de graduação em Geografia o conhecimento dessas teorias na nossa disciplina servirá como lastro para entender o complexo mundo contemporâneo; afinal essa questão tem a ver com fatos históricos de grande relevância como as guerras mundiais e a importância geopolítica das grandes potências, e que mudam seu poderio no poder histórico.

Atualmente, por exemplo, o Brasil já deve ser inserido como um “território pivô” do Hemisfério, por apresentar três características singulares: é a potência do Atlântico Sul, a sua pujança econômica e a grande extensão territorial. Agora temos que sistematizar.



RESUMO

No presente capítulo abordamos algumas das teorias geopolíticas conhecidas pela literatura geográfica contemporânea. É claro que existem outras abordagens. Mas escolhemos quatro dessas teorias. A primeira, abordada por Camille Vallaix, onde estabelece que a Geografia Política não pode ser analisada dentro da perspectiva organicista, simplesmente por que é uma ciência social e não uma ciência natural. Colocamos esse estudioso francês nesse capítulo apenas para fins didáticos. Por outro lado, Alfred Mahan desenvolve a teoria do Poder Marítimo, fazendo um resgate histórico onde os países que conquistaram os mares e oceanos tiveram oportunidades históricas de conquistar territórios. Países dotados de extensos litorais e uma marinha desenvolvida teriam plenas condições de crescer e trazer prosperidade aos nacionais (população). Mahan justificou sua abordagem face à importância crescente dos Estados Unidos, como grande potência. Já a teoria de Halford Mackinder tem como base o Poder Terrestre, onde seria estabelecido o coração continental, formado pelo eixo euroasiático e africano, formando a zona core com força de domínio sobre o resto do mundo. Outra afirmação relevante de Mackinder, que era professor de duas importantes universidades inglesas, é a pouca importância que os geógrafos tinham em estudar questões políticas contemporâneas, tanto em nível como também internacionais. Bernard Kjellen analisa o Estado como elemento orgânico com vida definida, e sua abordagem mais importante estaria na criação da expressão “geopolítica” e de ser um ramo autônomo em relação à ciência política e a geografia política. Ele deu sentido aplicativo, deslocando a geopolítica como ramo do Estado, sendo um conteúdo destinado aos militares e às grandes lideranças políticas, por tratar de temas onde se articula Estado e território.



ATIVIDADES

Faça as duas atividades abaixo e envie ao Sistema Avalia da disciplina Geografia Política:

1. Na sua opinião, a Geopolítica tem importância ou não para os geógrafos, isso nos dias atuais? Justifique.
2. Você poderia dizer que as teorias geopolíticas, por trás delas, tiveram conotação imperialista no momento em que elas foram escritas? Explique.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As duas atividades apresentadas para o aluno responderem tem grande importância para estabelecer qual o alcance desse tema entre os alunos de graduação em Geografia na medida em que outros ramos do conhecimento, como a ciência política e relações internacionais, possuem um conhecimento mais profundo do que nós, geógrafos. Acreditamos que devemos resgatar, afinal a geopolítica tem principal categoria o território, e ela é bem cara para Geografia, e não devemos deixar que outros invadam nossa abordagem. Além da Geopolítica ter aparecido como “ramo autônomo”, depois que a Geografia Política já tenha sido constituída.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula vamos dar continuidade aos estudos das teorias geopolíticas, agora levando em consideração a mais pragmática das teorias, a do geógrafo alemão Karl Haushofer e teorias menores, mas de grande valor aplicativo.



AUTOAVALIAÇÃO

As teorias apresentadas na aula são de grande valia e não podemos achar que estamos invadindo outros ramos do conhecimento. O mais importante é essas teorias tiveram grande valor histórico no período em que foram escritas, e todas elas tem uma dívida com a Geografia Política de Ratzel. O que confirma a minha tese de que devemos formar o cientista social (aplicado ou não) na medida em que os conteúdos têm conotação interdisciplinar. Ninguém é dono de disciplina nenhuma e a geopolítica deve ser compreendida com maior profundidade ainda entre os geógrafos e professores de geografia. Mas aí vai a pergunta: será que realmente essas teorias ainda são atualmente viáveis para entender o mundo contemporâneo?

REFERÊNCIAS

BONFIM, Uraci Castro. Geopolítica. Brasília: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Monografia. 2005.

COSTA, Wanderley Messias da. Geografia Política e Geopolítica. São Paulo: EDUSP, 2010.

LACOSTE, Yves. A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra. Campinas: Editora Papirus, 1988. 263 p.